Apresentação

A Seresta do Museu da República como *fratrimônio* e experiência de *museofilia*

I

O Museu da República afirma-se como um museu contemporâneo, comprometido com a cidadania, os direitos humanos, a arte, a memória, a história, o *fratrimônio* e a *museofilia*.

O atual Plano Museológico do Museu da República, que envolve também o Museu Palácio Rio Negro, é resultado da articulação entre o Plano Museológico de 2010, o Plano de Trabalho da atual direção do Museu da República e debates, conversas e análises realizadas com a equipe do museu, ao longo dos anos de 2018, 2019 e 2020.

Do referido Plano Museológico, encaminhado para aprovação da Diretoria Colegiada do Ibram, dia 18 de maio p.p., comemorando o Dia Internacional dos Museus, consta o registro de que no cotidiano do MR há uma prática social que re(e)xiste há 30 anos:

> "Trata-se da Seresta do Museu. Ano após ano, dia após dia, mudam-se as gestões, a Seresta do Museu está ali, exercendo o direito republicano de existir, viver, cantar, ir e vir. A Seresta no Museu é um acontecimento que contraria radicalmente a ideia, atribuída ao presidente JK, de que o MR sairia do momento e entraria na história. A seresta é potência, é momento, é história, é memória e é devir. Ela tem presença cotidiana no Museu para além dos seus planejamentos e orçamentos. A seresta é ocupação republicana e contribui para ampliar os sentidos e significados do MR."

O reconhecimento dessa prática musical republicana está presente no Plano de Trabalho que foi submetido à Comissão de Seleção do Edital nº 3/2017, chamamento público nº 3, de 28 de julho de 2017. Por que essa referência é importante? Porque ela indica que estamos cumprindo o planejado. A Exposição "Meu Coração Bate Feliz: Seresta do Museu", inaugurada em novembro de 2019, cumpriu parte do planejado, agora estamos lançando um livro e em breve teremos um ou dois filmes. Tudo isso é muito bom.

II

Tão logo assumi a direção do Museu da República, em abril de 2018, convidei a pesquisadora Maria Helena Versiani para tocar o projeto de pesquisa das Serestas do Museu pensado, a princípio, como uma etnografia, mas logo depois reorientado para uma metodologia de história oral.

A dedicação intensa, sistemática e sensível de Maria Helena Versiani fez toda a diferença.

Ela viveu e frequentou as Serestas do Museu da República por mais de um ano, ela levou seu violão para a Seresta, ela fez amizades e transformou-se em referência amiga e bem querida das seresteiras e seresteiros do museu. Devo aqui cometer uma inconfidência: Maria Helena é pesquisadora rigorosa, mas também é amante da poesia, da música, da dança, da arte.

III

O avanço da pandemia produzida pela assim chamada Covid-19, a necessidade de cuidado e proteção de todas as nossas seresteiras e seresteiros, que há praticamente 30 anos reúnem-se, ininterruptamente, nos Jardins do Museu da República, a maioria com mais de 60 anos e muitas com mais de 70 e 80 e 90 anos, levou-me a suspender, a partir do dia 16 de março de 2020, a visitação ao Palácio do Catete e a frequência ao Jardim Histórico do Museu. Hoje estou convencido de que tomei a melhor decisão, ainda que, a princípio, tenha produzido alguma contrariedade.

Recentemente recebi a notícia da morte, da partida pela Covid-19, do seresteiro e amigo conhecido como Rubinho do Bandolim. Perdemos um mestre, um amigo, um seresteiro de ponta.

IV

Na exposição "Meu Coração Bate Feliz: Seresta do Museu" as memórias do mestre seresteiro Rubinho do Bandolim estão presentes, assim como no livro que agora publicamos. O livro celebra o *fratrimônio* – a herança que se constrói e se partilha entre irmãos e amigos – e também celebra a *museofilia*, o amor e a amizade pelo espaço museal, em movimento, em permanente construção e reconstrução.

V

Parabéns para a equipe do Museu da República que em tempos de pandemia e tragédias cotidianas nos brinda com poesia, arte e celebração da vida. Eis aí um museu a serviço da vida!

Viva!



Mario Chagas
Diretor do Museu da República